

Homenagem a Ribeiro Ramos Centenário

Linhares Filho

Sinto-me honrado e feliz por haver sido indicado pelo ilustre Presidente Dr. Murilo Martins, sob sugestão das famílias Ribeiro, Ramos e Tomás, para homenagear, em nome desta Academia, a memória veneranda do confrade João Ribeiro Ramos, quando se comemora o centenário de nascimento deste.

Atribuo a distinção da escolha do meu nome para a incumbência aludida ao motivo da existência de vários vínculos que me unem ao homenageado e a familiares seus. Primeiramente, sou filho do farmacêutico José Gonçalves Linhares, colega do confrade centenário; depois, este me confiou rever e prefaciá-lo *O Anel de Gíges*, livro póstumo de poemas de sua esposa, a poetisa, educadora e advogada Dinorá Tomás Ramos; também abrigou gentilmente texto de minha autoria na orelha do seu livro de crônicas *Consumindo Luas*; fui aluno de Francês, no curso de Letras, de sua competente sobrinha, a Profa. Maria de Fátima Ramos Viana, e, ainda, participo com minha mulher, aos domingos, da missa das dezoito horas na Igreja de Nossa Senhora da Glória, onde ouvimos a piedosa e sábia homilia do nosso confrade Mons. Dr. Francisco Manfredo Tomás Ramos, filho do homenageado, com a qual eu e Mariazinha procuramos orientar nossa vida de cristãos católicos; além disso tudo, foi esse dileto amigo e sacerdote quem abençoou o matrimônio de minha filha Isabel com seu esposo Hodney; por fim, devo a Ribeiro Ramos uma generosa crônica, intitulada “Poesia, Encanto Maior da Vida”, em que ele se ocupa de minha pequena figura de escrevinhador de versos.

Para rememorar a personalidade de Ribeiro Ramos é preciso afinar as cordas do louvor pelo diapasão da apreciação ético-moral e telúrico-cultural, porque o que marcou profundamente a vida desse homem foi a conduta ilibada de cidadão votado aos deveres familiares de esposo, pai e irmão, aos deveres profissionais de farmacêutico, ao culto à sua região, especificamente a Sobral, sua cidade adotiva, aos misteres de comunicador, jornalista e intelectual. No seio da família, no interior da farmácia ou através do rádio, do jornal ou do livro, adotou sempre uma atitude de hombridade, de mentor de consciências, de serviço aos semelhantes, de amante da terra e da religião, testemunhando sempre a sua fé cristã e as suas virtudes cívicas.

O Con. Francisco Sadoc de Araújo, saudando Ribeiro Ramos no expressivo discurso de recipiêdo nesta Academia, o escritor Joaryvar Macedo,

meu conterrâneo, prefaciando o livro *Consumindo Luas* e o Mons. Manfredo Tomás Ramos na comovente oração com que, por ocasião do seu ingresso nesta Casa, focalizou a figura de seu genitor, esses três confrades foram os que, com a sua autoridade e poder de convencimento, melhor atestaram as excelsas virtudes de Ribeiro Ramos.

De minha parte, secundando-os e tentando exprimir os sentimentos e as convicções dos que constituem a atual Academia Cearense de Letras, atesto o devotamento incondicional de Ribeiro Ramos às Letras e à Cultura, a integridade do seu caráter, a sua proverbial afabilidade, sempre externada através de um trato lhano com os colegas e as pessoas em geral, a sua simplicidade de coração e de atitudes. Homem de espírito gregário, presidiu a Academia Sobralense de Estudos e Letras, fundou e presidiu a Academia Cearense de Farmácia e era assíduo freqüentador das sessões deste nosso sodalício apesar de sua idade propecta, já necessitando, nos últimos anos de vida, de certo amparo para locomoção. Muitas vezes, com o maior prazer, levei-o no meu carro, após as reuniões da Academia, à sua residência da Rua Prof. Dias da Rocha, e o assunto do percurso era singelo e ameno, como, por exemplo, notícias recíprocas das nossas famílias.

Mereceu sempre o homenageado toda a atenção e o maior respeito dos seus pares, prova disso foi o fato de ocupar continuamente um cargo de destaque na diretoria desta Casa.

A humanitária e nobilitante profissão de farmacêutico afinou com a disposição natural de cordialidade de Ribeiro Ramos para com as pessoas, de ajuda, de serviço aos semelhantes. E o homem afeito a minorar a dor do próximo como profissional da saúde vê-se refletido nos seus escritos desde a bondade de muitas crônicas à generosidade de cartas e oferecimentos de livros.

Degustemos, a título de exemplificação do estilo e da grandeza d'alma do homenageado, o sabor de um trecho de uma de suas crônicas, intitulada "Mestre Oswaldo Riedel, Ensaísta", excerto em que se percebe o espírito confessional e amistoso do cronista, a sua humildade, o seu respeito ao semelhante e o seu desejo de aperfeiçoar-se na virtude: "Tenho dito e repetido muitas vezes que sempre gostei de fazer amigos, e deles procuro me aproximar mais e mais, à proporção que lhes descubro as qualidades positivas, os dons divinos e superiores que guardam na própria alma, e então me sinto feliz, por senti-los feitos à imagem e semelhança de Deus. Não os invejo mas busco-lhes a companhia com alegria, no intuito de corrigir as minhas falhas, despindo-me dos meus grandes defeitos, pelo bom exemplo que eles me dão, talvez sem perceber a generosidade da oferta."

O título da obra *Consumindo Luas* revela um sentimento de modéstia de quem considerasse que o registro das suas páginas são simples notas cotidianas de um existir sem essência, ao passo que, na verdade, sob o estilo leve, sem ornatos e despretenso, trata-se ali de assuntos de interesse social, telúrico e literário como, por exemplo, impressões sobre livros e autores.

Meu primeiro contato com o Dr. João Ribeiro Ramos veio através de uma correspondência, quando ele planejava fundar a Academia Cearense de Farmácia, hoje vitoriosa, sob a presidência do meu amigo Dr. Jarbas Studart Gurgel. Solicitava-me o Dr. Ramos dados pessoais de meu pai, a fim de que este pudesse ser apontado como um dos patronos do referido sodalício. Numerosos e urgentes afazeres ligados à minha qualificação universitária impediram-me de fornecer ao solicitante esses dados em tempo hábil, e o meu velho não logrou patrocinar uma das cadeiras daquela instituição. Mas, apesar de nesse fato eu poder ser considerado como negligente, sinto-me alcançado pela bênção e as boas promessas do Eclesiástico em seu capítulo terceiro, reservadas ao filho que honra seus pais, pois honrar os meus foi o que sempre fiz com atos e não só através de pobres versos. E agora, vendo meu pai espelhado profissionalmente na figura magnânima de Ribeiro Ramos, peço-lhes licença para homenageá-los a ambos, que manipulavam fórmulas e exerciam a profissão como um verdadeiro sacerdócio, através dos versos da autoria de Abel de Oliveira, dedicados ao seu mestre Álvaro de Albuquerque, versos que, apostos em quadro na Farmácia Linhares em Lavras da Mangabeira, sempre me chamaram a atenção, desde menino, para a dignidade e a grandeza humana da profissão que celebram:

Ao Farmacêutico

Bendito sejas tu que, em horas mortas,
Para servir a um lar que a dor invade,
Vais abrir tua porta com bondade,
Quando o sono fechou todas as portas.

Bendito sejas tu que mal suportas
Dos venenos a cruel letalidade,
E os transformas, por bem da humanidade,
Nos bálsamos que arrancas das retortas.

Quando o mundo chegar a novas eras,
Quando os homens, em vez de serem feras,
Se unirem pela força dos ideais,

Erguer-se-ão monumentos de granito,
Em cujos pedestais se tenha escrito:
- FARMACÊUTICO! Só. Para que mais?

Dirigi-me a Ribeiro Ramos certa vez, com estas palavras, que depois se publicaram na orelha do seu livro: Ainda hoje me ecoa no espírito a sua recente palestra na Academia, quando você, com admirável lucidez e ternura admirável, analisou a obra poética de sua esposa, a poetisa Dinorá Tomás Ramos, herdeira da veia poética do grande Pe. Antônio Tomás. Creia-me: pelas confissões feitas, pelas observações interpretativas, pelos conceitos expendidos, você edificou e emocionou os colegas acadêmicos, que àquela sessão estivemos presentes.

E hoje, sentindo entre nós, através da lembrança e da saudade, a figura centenária de Ribeiro Ramos, santo homem e rica personalidade intelectual, dirijo-me a ele em meu nome e no de meus pares, a ele que cremos estar deslumbrado com a visão beatífica da “Beleza sempre antiga e sempre nova” de que nos fala Santo Agostinho:

Muita vez te admirei a senectude
de patriarca, aureolada com o saber,
feito da experiência que não ilude,
por um sinal constituir do Ser.

Soubeste sobretudo conviver.
E quem privou contigo que se escude
com o teu exemplo: a face a te rever,
busque seguir-te o brilho da virtude.

Nas Letras, na Ciência, eleições tuas,
João, não tiveste um desempenho parco,
nem andaste apenas *consumindo luas*.
És um varão insigne de Plutarco,
fizeste só o bem e, assim, flutuas,
por prêmio do Alto, sobre o nosso barco!*

* Soneto composto expressamente para comemorar a efeméride em causa, e que traz o título A João Ribeiro Ramos Centenário.